

## Introdução

**P**or mais que certa racionalidade queira expurgar o simbólico do domínio da realidade, associando o progresso ao combate da fantasia, o mundo contemporâneo permanece povoado de mitos, pois os homens continuam necessitando, como sempre necessitaram, de narrativas, imagens, histórias para se situar, para dar sentido ou apontar sua falta, para pensar seu próprio tempo exteriormente à experiência individual e singular.

Como apontaram primeiramente Mircea Eliade e depois Gilbert Durand, os mitos variam, se degradam, se desgastam, mas não desaparecem. O *sermo mythicus* se constitui como referente invariante e enseja uma prática hermenêutica. Ler os mitos que circulam em uma sociedade é um modo de compreendê-la.

Assim, podemos lidar melhor com os dias que correm – e olhar para o próprio tempo é sempre mais difícil – exercitando justamente a interpretação dos mitos mais evidentes, não nos esquecendo que dialogam com outros mitos, inclusive do passado, ainda que transformados. É o caso de Frankenstein, por exemplo, do qual tratamos no primeiro volume desta coleção, cujo diálogo com Prometeu, evidente desde o subtítulo da obra de Mary Shelley, foi muito além da mera transposição ou da simples versão<sup>1</sup>.

Neste segundo volume da coleção Mitos da Pós-Modernidade, que reúne os resultados de pesquisas realizadas em âmbito internacional entre a Universidade do Minho (Portugal), Universidade de São Paulo e Universidade Federal do Paraná (Brasil), o foco recai sobre a hermenêutica do mito de Drácula, tendo como foco irradiador o livro de Bram

Stoker, justamente por ter cristalizado a versão literária que servirá de matriz para as demais versões, não só literárias mas cinematográficas, televisivas, em História em quadinhos (Banda desenhada) ou mesmo jogos e aplicativos digitais.

No entanto, se de um lado avançamos para as variações e desgastes do mito, vindos do século XIX até os dias atuais, de outro rumamos em direção contrária, buscando sua origem tanto na personagem histórica do Conde Vlad quanto nos mitos de vampiros e mortos-vivos, que por sua vez remetem a Lamias e Empusas dos gregos, o que parece confirmar a permanência do *sermo mythicus*.

Desse modo, parece-nos que a imortalidade do Conde Drácula tem muito a dizer sobre os desejos humanos que circulam no século XXI e consomem altos investimentos em pesquisas sobre o retardamento da velhice, além do combate à própria morte, cujo adiamento se torna cada vez mais concreto. O sonho da eterna juventude nunca nos pareceu tão atual e as múltiplas produções culturais que atualizam o mito de Drácula não deixam de explorar justamente este mitema, esta unidade mínima de sentido que ajuda a compreender o mito como um todo.

Neste livro, o segundo da coleção, reunimos oito estudos sobre o mito de Drácula, numa cartografia de hermenêuticas convergentes, que circulam em torno do imaginário e da educação, em busca de aprofundar os modos de compreensão do mito e investigar sua atualidade.

O ensaio que abre a coletânea é do mitólogo francês Jean Marigny, da Universidade Stendhal de Grenoble (França), que gentilmente, junto à Editora Pergaminho de Lisboa, cedeu os direitos de publicação de *Um vampiro renasce das suas cinzas*, com tradução de Fernando Antunes. Trata-se de um estudo amplo e primoroso sobre as ocorrências do Drácula, a começar pela publicação do romance de Bram Stoker, acompanhando a consolidação do mito no século XX, bem como suas variações e degradações, sejam literárias, cinematográficas ou de outra ordem.

O segundo estudo nos convida a viajar pela geografia de temas e questões que o *Drácula* de Bram Stoker nos suscita, partindo da Transilvânia com destino a Londres. Num jogo metafórico perspicaz e provocador, no qual somos instados a arrumar as malas, re-

unir os mapas e partir em viagem, Armando Rui Guimarães, da Universidade do Minho, em *Da Transilvânia a Londres: Uma viagem de estudo pelo Drácula de Bram Stoker*, cartografa a obra literária, a começar pela apresentação de seu autor até chegar à recepção da obra logo após seu lançamento.

O terceiro capítulo, *Drácula face à imortalidade: Sob o signo da remitologização*, escrito por Alberto Filipe Araújo, da Universidade do Minho, e José Augusto Ribeiro, investigador independente, constitui o ponto central do livro, ao apresentar um estudo mitocrítico aprofundado e original da obra-prima de Bram Stoker, dividido em três partes: uma investigação da personagem do Conde Drácula, um estudo do mito em sua dimensão de *mysterium tremendum et fascinans* e, por fim, a atualidade de Drácula mediante o *mitologema da Imortalidade*. Sua eternidade de vampiro interpela nossa existência efêmera e, ao mesmo tempo em que nos confronta, também nos atrai, nos atemoriza e nos seduz.

Os dois capítulos seguintes, *Drácula no cinema: cenas de uma erótica prometeica* e *A morte infinita: uma breve genealogia de Drácula*, escritos por Rogério de Almeida, da Universidade de São Paulo, e Marcos Beccari, da Universidade Federal do Paraná, investigam o mito primeiramente em suas aparições cinematográficas, com destaque para a adaptação de Francis Ford Coppola, e posteriormente num exercício genealógico sobre a condição de morto-vivo de Drácula – e, de certo modo, também nossa, já que a morte é infinita, enquanto a vida é um reflexo invertido e provisório de sua prevalência.

*Drácula e os monstros civilizacionais: Natureza humana, civilização e monstrosidade*, também escrito por Armando Rui Guimarães, aborda a questão da monstrosidade em seus vários aspectos, como na religião, na sexualidade, no imigrante, no psiquismo humano, nas drogas e infecções, no progresso, no imperialismo e no colonialismo, emersos como contradições da modernidade, mas que apontam para a atualidade de Drácula. O capítulo apresenta, como anexo, um estudo comparativo sobre *O Castelo dos Cárpatos* de Jules Verne e o de *Drácula* de Bram Stoker, analisando suas diferenças e semelhanças.

Fernando Azevedo, da Universidade do Minho, Ângela Balça, da Universidade de Évora (Portugal), e Moisés Selfa Sastre, da Universidade de Lleida (Espanha) assinam *Drácula para crianças no séc. XXI: estratégias de aproximação ao leitor*, uma investigação so-

bre os processos de transposição semiótica da obra de Bram Stoker para um conjunto de aplicativos lúdicos para *smartphones*, celulares (telemóveis), utilizados por crianças e jovens que terão um primeiro acesso ao universo mítico da obra, como convite para mais tarde ler a versão original.

O oitavo e último capítulo, *Fantástico e Ideologia: o caso Drácula*, também escrito por Jean Marigny, foi publicado originalmente em uma coletânea do Centre de Recherches d'Etudes Anglophones da Universidade de Grenoble e traduzido especialmente para esta edição por Luiz Antonio Callegari Coppi. Trata-se de um estudo fundamental para compreender como um relato fantástico, ao longo do tempo, se reveste de conotações ideológicas múltiplas, operando o leitor também como produtor do texto.

Esperamos que este volume, que prolonga as investigações míticas iniciadas com Frankenstein, também desperte interesse para o próximo volume, que será dedicado ao Fausto, outro importante mito pós-moderno que nos ajuda a entendermos nosso próprio tempo.

## Nota

1. ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos. *O Mito de Frankenstein: Educação & Imaginário*. São Paulo: FEUSP, 2018. Livro disponível em: <<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/213>>. Acesso em 25 mar. 2019.